

## PARA INICIAR...

O Colóquio comemorativo do centenário da revista *Seara Nova*, organizado pelo Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (Grupo de Investigação *Raízes e Horizontes da Filosofia e Cultura em Portugal*), decorreu em parceria com a Faculdade de Economia da Universidade do Porto, onde igualmente esteve patente uma importante exposição sobre esta revista. Foi um acontecimento que não podia deixar de ser celebrado, tal a importância não só da revista como dos seus precursores, no contexto das primeiras décadas do século vinte em Portugal.

A demonstração da importância histórico-filosófica e política desta revista, como dos seus colaboradores e representantes, manifestou-se no vigor e ímpeto de algumas memoráveis polémicas e sobretudo na capacidade crítica e construtiva que a situação política portuguesa tanto necessitava. E a revista *Seara Nova* foi uma âncora e base sólida para isso, podendo considerar-se um projecto ousado e de grande lucidez, face ao caos político, social e económico em que o republicanismo mergulhara o país. Dos corredores da Biblioteca Nacional e do gabinete do seu então director, Jaime Cortesão, acompanhado por alguns dos intelectuais mais activos e críticos, onde em grande medida se formou e consolidou o grupo da revista *Seara Nova*, saiu uma elite cultural consciente, que quis, de modo decisivo, contribuir para um alargar de horizontes, dando um novo rumo à sociedade portuguesa. Órgão de divulgação do ideário dessa elite cultural consciente, a *Seara Nova* era igualmente o desejo de uma reforma de mentalidades que já em parte a Geração de 70 se propusera, numa dinâmica que tão cara fora a Antero de Quental, dando prioridade a uma revolução espiritual e moral.

Nesse sentido, foram a literatura, a arte e a filosofia necessidades consideradas “insofismáveis e as mais altas realidades da vida da espécie”, ao mesmo tempo que “o realismo se conjugaria com o idealismo, evitando utopias materialistas”. A consciência e a vontade do grupo da *Seara Nova* era pois fiel, como escreveu Pinharanda Gomes, “à verdade, à sinceridade, à absoluta lealdade e probidade de pensamento, que é mister habituar o povo português”.

O ritmo da história renova-se e é nela que a vida humana acontece. É nas épocas em que se produzem mudanças acentuadas e crises mais ou menos

agudas que os ideais de renovação podem surgir como portadores de novas esperanças. Aqui, realismo e idealismo conviveram, como hoje certamente deverá acontecer, para que as energias vivas e as forças íntimas de um povo e de uma cultura possam, com liberdade e dignidade, marcar o tempo e por isso, igualmente, a memória.

No elenco de estudos que aqui se apresentam vai o nosso contributo para uma memória e pensamento de um espírito democrático e crítico, atento aos vícios e à ausência de uma ética política, dramas de sempre, que infelizmente a nossa história ainda não superou.

*Maria Celeste Natário*